

SOBRE A NATUREZA DE «PORQUE», «POR QUE» E «PORQUÊ»

por

MARIA AUGUSTA CAVACO MIGUEL

I — Preliminares

Depois de uma trajectória de séculos, onde se têm vindo a somar os resultados de sucessivas e progressivamente superadas investigações, o nosso intrincado sistema linguístico tem sido reconhecido de acordo com um grau científico cada vez mais avançado.

As frases interrogativas, em particular, têm constituído uma área de grande exploração linguística, principalmente pela gramática transformacional, que tem estudado cuidadosamente as deslocções dos morfemas interrogativos da sua posição original na frase para o início da mesma.

A vasta bibliografia sobre esta matéria, da qual ressalta o já célebre artigo de Noam Chomsky «On WH-Movement», assim o atesta. Baseando-se, frequentemente, nas intuições dos falantes, os linguistas procuram perceber os mecanismos gerativos das frases e explicar as razões pelas quais se obtêm, em forma de superfície, frases aceitáveis e frases não aceitáveis do ponto de vista dos falantes da língua.

Mas, apesar deste amplo desenvolvimento, deparamo-nos ainda com pormenores nas línguas naturais que esca-

pam até mesmo aos modelos gramaticais mais rigorosos. Na língua portuguesa, por exemplo, verificamos que as particularidades gramaticais dos morfemas interrogativos *porque* e/ou *por que* e *porquê* têm passado algo desapercibidas, tanto em estudos dedicados às frases interrogativas do português como em análises levadas a cabo no campo do advérbio.

A idiossincrasia destas frases torna a sua abordagem problemática; razão pela qual se deve ter negligenciado a sua análise.

Devido à complexidade desta matéria, seria demasiado ambicioso, num trabalho desta natureza, circunscrever o problema e dele extrair teorias conclusivas. Em contrapartida, pretendemos fornecer dados que sirvam de base a reflexões que nos aproximem da compreensão desta questão. Para isso, estudaremos o comportamento sintáctico dos morfemas *porque*, *por que* e *porquê*, e realçaremos alguns aspectos do mecanismo das frases que os comportam.

Tomando como base os estudos existentes nesta área, começaremos por fazer uma apreciação crítica daqueles que, a nosso ver, defendem posições divergentes, para depois nos lançarmos numa nova pesquisa à luz das teorias gramaticais contemporâneas.

II — *Porque* — conjunção causal

e *Por que* — preposição e pronome relativo

Na língua portuguesa, há uma variedade de «*porques*» que é necessário distinguir gramaticalmente.

No que concerne ao *porque* que ocorre com maior frequência (isto é, aquele que une duas frases como, por exemplo:

(1) Falemos verdade, porque a ninguém adianta que nos enganemos a nós próprios.) as gramáticas são praticamente unânimes em classificá-lo de conjunção causal.

Esta classificação advém do facto de o *porque* servir de elemento de ligação e de indicar uma causa. Uma outra característica destas frases, que é apontada esporadicamente, é a sua versatilidade. Frequentemente, aparecem topicalizadas com o *porque* causal a encabeçar F. Esta transformação aplicada à frase (1) modifica-a da seguinte maneira:

- (1) a. Porque a ninguém adianta que nos enganemos a nós próprios, falemos verdade.

Obtemos, deste modo, um *porque* a encabeçar F que preserva as características morfo-sintácticas do seu lugar de origem, distinguindo-se, portanto, do morfema interrogativo.

Também a locução *por que*, constituída por preposição e pronome relativo, é facilmente identificada e classificada pela maioria das gramáticas da língua portuguesa. O teste que estas nos sugerem, para que distingamos esta locução da conjunção causal, é a substituição do *por que* por *pelo qual*, *pela qual*, *pelos quais* ou *pelas quais*. Se for substituível, dizem, então estamos perante uma preposição seguida de pronome relativo (cf. Cunha e Cintra (1984: 347)). Por exemplo:

- (2) Eis a razão por que não vim.

- (2) a. Eis a razão pela qual não vim.

Como se observa, a substituição de *por que* por *pela qual* mantém a gramaticalidade da frase e preserva a sua semântica, ao mesmo tempo que dá conta da natureza gramatical da locução *por que*. Em virtude da diferença ortográfica que deve ser mantida entre o *porque* causal e a locução *por que*, preposição e relativo, deixam as gramáticas e os prontuários uma chamada de alerta a fim de evitar uma possível confusão na sua grafia, o que seria uma falta grave,

devido à natureza gramatical diferente de uma e de outra formas.

Basta um simples teste de comutação de *por que* por *pelo qual* na frase (1) para denunciar essa flagrante diferença.

- (1) a. * Falemos verdade, pelo qual a ninguém adianta que nos enganemos a nós próprios.

Similarmente, a agramaticalidade surgiria com uma tentativa de encabeçamento de F com a locução *por que*.

- (2) b. * Por que não vim eis a razão.

Feita esta distinção, procuremos seguidamente estabelecer a diferença entre estes morfemas e os seus homógrafos interrogativos.

III — *Porque* e *Por que* morfema interrogativo.

Dualidade ortográfica?

Observando algumas frases na língua portuguesa, logo nos apercebemos da arbitrariedade da escolha entre *porque* e *por que* como morfema interrogativo. Seleccionámos para exmplo as seguintes frases representativas:

- (3) «Por que queres tu que eu fique, [...]»

(José Saramago, *Memorial do Convento*, p. 56)

- (4) «Porque se fala dialecto leonês em terra de Miranda?»

(Herculado de Carvalho, *Estudos Linguísticos*, p. 72)

- (5) «Por que esperamos, então, senhores Académicos?»

(Fernando Cristóvão, «O Jornal», 244-86)

Se atendermos aos utentes da língua que subscrevem o uso de uma forma ou outra, poderá parecer desneces-

sário perguntarmo-nos se existirá uma única exigida pela gramática ou cogitarmos da diferença entre ambas, já que as condições contextuais em que elas ocorrem são idênticas. Sendo assim, cabe-nos perguntar o porquê desta dualidade ortográfica.

De entre as várias consultas efectuadas, salientamos Cândido de Figueiredo (1900), que nos diz o seguinte: «Como se sabe, há a conjugação *porque*, e a locução *por que*, formada de preposição *por* e do relativo *que*. Para os dois casos, a formação originária foi a mesma; a diferença, porém, das aplicações tornou diferente a escrita» (p. 210). Estas palavras mostram que o autor considera haver um parentesco entre estas formas. Não avançando Cândido de Figueiredo outras explicações a não ser alguns exemplos, procuraremos interpretar a sua afirmação através deles.

(6) «Gosto d'ella, *porque* é bôa e formosa;»

(7) «As amarguras *por que* temos passado;»

(8) «*Porque* me foges?» (p. 210)

A conjunção *porque* observa-se sem dificuldade na frase (6) visto ligar as frases: «Gosto d'ella» e «Ella é bôa e formosa». Além do mais, a frase subordinada tem a possibilidade de ser topicalizada, o que condiz com os dados até agora encontrados.

A locução *por que*, formada de preposição e pronome relativo, também fica exemplificada com a frase (7), visto ser o *por que* substituível por *pelas quais*.

Sem explicação fica-nos o *porque* interrogativo, embora o facto de ele fazer parte dos exemplos que ilustram as palavras de Cândido de Figueiredo lhe assegure um parentesco com as outras formas; porém, não se depreende com qual delas.

Mas no Vol. III da sua publicação de 1900, Cândido de Figueiredo deixa mais clara a sua posição ao afirmar:

«É que *porque* e *por que* são coisas distintas. *Porque* é conjunção causal, e emprega-se, por exemplo, nos seguintes casos:

Porque vieste tarde?
Estás triste e não sabes *porquê*
Não vou, *porque* não quero» (p. 53).

Com estes exemplos ficamos a saber que o *porque* interrogativo, o *porquê* e o *porque* causal se submetem a uma mesma classificação. Desconhecendo as razões que levaram o autor a dar esta interpretação a estas palavras, e discordando da classificação que lhes atribui, procuremos dados mais esclarecedores.

Sobre a escolha entre *porque* e *por que* como morfema interrogativo, diz-nos Sá Nogueira, no seu *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem* (1974), que «Oficialmente está estabelecido que se escrevam pegados os dois elementos [...] considera-se ali uma unidade mórfica» (p. 301). Porém, discorda desta análise e afirma: «Para mim, aquele 'porque?' não é uma palavra autónoma, uma unidade mórfica, e, por isso, não se deviam escrever pegados os dois elementos que o constituem» (p. 301). Entende Sá Nogueira que no *por que* interrogativo está contida uma frase elíptica onde foi elidida a palavra «razão» ou «motivo». Um exemplo que nos apresenta é o seguinte:

(9) «Por que não vieste ontem?» (p. 301).
Corresponde a: «por qual razão ou motivo não vieste ontem?»

Deste modo, quer esteja presente a palavra *razão* ou *motivo* quer ela esteja elidida, tal facto não justifica uma modificação na grafia do morfema interrogativo que é, a seu ver, constituído pela preposição *por* e por um *que*, que, por ter o valor de *qual*, é um pronome relativo, embora

a classificação de pronome interrogativo também se lhe adequa.

O *por que* interrogativo distingue-se dos outros «*porques*», ao mesmo tempo que está estritamente relacionado com eles. Se o *por que* interrogativo é constituído por preposição e pronome relativo, tal como Sá Nogueira observa, então ele é da mesma natureza morfológica do *por que* da frase (7), mesmo quando Sá Nogueira se esforça em manter a diferença entre o interrogativo, o causal e a locução *por que*. As frases seguintes são a prova disso:

(10) «Não saí, porque chovia»

(11) «Eis a razão por que não saí» (p. 302).

A explicação de Sá Nogueira, embora pouco vigorosa pelo seu cariz subjectivo, tem um alcance que irá ser demonstrado com exemplos que iremos encontrar mais adiante.

Depois do que ficou exposto, parece-nos oportuno dar a conhecer as explicações que as gramáticas da língua portuguesa dão desta problemática.

Em primeiro lugar, cabe referir que um bom número delas omite qualquer observação sobre estas palavras, (cf. Ali (1971); Cuesta e M. A. Luz (1971), que apenas nos dizem que «todos os relativos podem ser utilizados como interrogativos, à excepção de cujo» (p. 401); Figueiredo (1975), etc.). Outras há que, embora incongruentes na classificação que lhes atribuem, dedicam-lhes um breve apontamento. Esta timidez corrobora o que antes dissemos sobre a fragilidade deste assunto e a incapacidade que até agora se tem observado em dar-lhe uma solução plenamente satisfatória.

Mas tomemos por referência duas gramáticas que tratam este tema: a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* e a *Gramática da Língua Portuguesa*.

**IV — A. *Por que* interrogativo na perspectiva
da *Nova Gramática do Português Contemporâneo***

No paradigma dos morfemas interrogativos, a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* inclui um breve apontamento sobre o *por que* interrogativo, que aqui recebe a subclassificação de Advérbio Interrogativo Causal, «Por se empregarem nas interrogativas directas ou indirectas [...]» (p. 539).

É de notar que esta gramática não oferece a forma *porque* como escolha alternativa, embora nada nos diga sobre as razões dessa omissão. Assim, interrogar com *porque* é incorrer em erro segundo as suas normas.

Dos exemplos que apresenta,

(12) «Por que não vieste à festa?»

(13) «Não sei por que não vieste à festa». (p. 539)

é de concluir que o *por que*, tanto na interrogativa directa como na indirecta, seja da mesma natureza. Partindo dessa premissa, observemos os exemplos seguintes:

(14) Não sei porque não quero.

(15) Não sei por que não quero.

A interpretação semântica que se faz da frase (14) é esta: não quero saber; essa é a razão por que não sei. A frase (15), por seu lado, tem uma leitura diferente: não quero, e não sei por que é que não quero; isto é, não quero e não sei explicar a razão. Embora superficialmente as frases sejam semelhantes, o facto é que os elementos de ligação são diferentes e dão interpretações semânticas diferentes às frases. Quando escrito em separado, — *por que* — não deverá confundir-se com a conjunção sua homófona ¹.

¹ Abstenho-me de tratar aqui a acentuação destas palavras, porque acarretaria dados que não se podem confirmar no momento presente.

O facto é que esta homofonia veda o acesso dos falantes nativos às suas intuições linguísticas, sendo-lhes impossível assegurar qual das formas escolhem para construírem as suas interrogativas.

Mesmo quando não parece importante a escolha entre *porque* e *por que* nas interrogativas directas, essa escolha não é igualmente aleatória nas interrogativas indirectas, como acabámos de demonstrar.

A capacidade da subordinada de encabeçar F também se deve evidenciar:

(14) a. *Porque* não quero, não sei.

(15) a. *Por que* não quero, não sei.

Tínhamos observado o poder da subordinada com a conjunção causal de encabeçar F. Como vemos agora, com o exemplo da frase (15) a., esta característica não lhe é exclusiva; contudo, a diferença entre a frase (15) a. e a frase (7) mantém-se.

Estas frases deixam clara a existência de um *por que* interrogativo diferente de um *porque* causal, e diferente ainda da locução *por que*.

Se na pergunta indirecta é a forma *por que* e não *porque* aquilo que a gramática da frase exige, compreende-se agora quais poderão ter sido os argumentos dos gramáticos, ao proporem como morfema interrogativo a forma *por que* e não a palavra simples *porque*, tanto para as perguntas directas como para as perguntas indirectas.

Vemos ainda que estes dados estão, de certo modo, em consonância com os achados de Sá Nogueira, mesmo quando as suas afirmações estejam baseadas mais propriamente nas suas intuições de falante da língua do que em dados concretos e observáveis que pudessem dar uma maior cientificidade às suas afirmações.

IV — B. A interpretação do morfema interrogativo

Por que/Porque na Gramática da Língua Portuguesa

Uma outra perspectiva é a visualizada na *Gramática da Língua Portuguesa* (1983). As frases interrogativas são aqui interpretadas num prisma chomskiano; isto é, a transformação interrogativa desloca um morfema interrogativo da posição na frase onde ele foi gerado pelas regras de base, para o princípio da mesma, produzido, simultaneamente, a inversão do sujeito e do verbo. Noutras palavras, o morfema interrogativo é o elemento substitutivo do constituinte que se pretende interrogar. Talvez por isso tenha recebido a designação tradicional de pronome interrogativo ou de advérbio pronominal interrogativo.

A gramática em questão classifica estas palavras de «morfemas interrogativos com valor adverbial» (p. 365), classificação que é consoante com a da *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (1984). Mas, enquanto que a *Gramática da Língua Portuguesa* aceita tanto a forma *por que* como a forma *porque* para interrogar, a sua congénere omite a segunda forma, como tivemos oportunidade de observar no ponto IV — A.

A forma *por que* merece um apontamento em nota de rodapé, em que se salienta a equivalência entre *por que* e *por que razão*: «Normalmente *por que* (equivalente a *por que razão*), [...]» (p. 365) — observação que como vimos já tinha sido feita por Sá Nogueira (1974) (cf. ponto III). Mas esta noção não serve aqui de ponto de partida para o desenvolvimento deste tema. A dinâmica dos morfemas interrogativos é observada através de frases de instanciación de tipo *eco*, as quais preservam o morfema interrogativo «no lugar que lhe foi atribuído pelas regras de base» (p. 369), dizem-nos.

Esta mecânica, ao contrário da anterior, parece-nos de importância fundamental, e servirá de base às análises que iremos desenvolver futuramente.

Vejamos alguns exemplos ilustrativos:

(16) *Por que* não estudaste a lição? (*Por que razão* não estudaste a lição?)

(16) a. Não estudaste a lição *porquê*? (Não estudaste a lição *por que razão*?)

(17) O cão ladrrou, *porque* ouviu ladrões.

Utilizando a técnica das frases *eco*, depreende-se que o *por que* da frase (16) teve origem na posição em que se encontra na frase (16) a. onde se apresenta sob a sua forma tónica, única aceitável nesta posição sob pena de agramaticalidade:

(16) b. * Não estudaste a lição *por que*?

De igual modo, o morfema deslocado tem, necessariamente, que perder a tonicidade ou a frase resulta igualmente agramatical:

(16) c. * *Porquê* não estudaste a lição?²

Se quisermos interrogar, na frase (17), a frase «*porque* ouviu ladrões», teremos que primeiramente observar qual é o seu correspondente na frase *eco*, para depois o movimentar para princípio de F. Concretamente, passar-se-ia o seguinte:

(17) a. O cão ladrrou, *porquê*?

(17) b. *Por que* ladrrou o cão (t)?
ou ainda

(17) c. *Porque* ladrrou o cão (t)? (permissividade que esta gramática concede), mas nunca

(17) d. * *Por que* ladrrou o cão, *porque* ouviu ladrões?

² Este teste é apresentado na *Gramática da Língua Portuguesa*, p. 370.

Estas frases revelam a correspondência que existe entre *por que* e *porquê*; o *por que* é o *porquê* deslocado da sua posição original para princípio de F. para interrogar a frase, tanto assim que ao deixar o seu traço (t) não admite qualquer informação lexical no seu lugar, o que fica provado com a agramaticalidade da frase (17) d.

Os dados até agora encontrados levam-nos a crer que *por que* e *porquê* sejam um mesmo morfema, apenas com as variações contextuais que já foram observadas.

V — *Porquê* em interrogações não frásicas e *porquê* SN₂

Até agora temos vindo a observar que o *porquê* ocupa uma posição específica na frase que não no início de F. No entanto, observações de outras frases revelam que o *porquê* é possível ainda noutros contextos.

Em primeiro lugar, ele é possível em posição inicial em interrogações não frásicas, como nos diz Mateus *et alii* (1985: 370). Nós pensamos que o *porquê*, nestas circunstâncias, não só é possível como também é obrigatório. Tomemos como exemplo a frase seguinte:

- (18) «Porquê as jóias de D. João VI e de Carlota Joaquina?»

(«O Jornal», 23-5-86)

- (18) a. * Por que as jóias de D. João VI e de Carlota Joaquina?»

Vemos que a forma *por que* não comuta com *porquê*. Exemplos com este levam-nos a formular a hipótese de que só essa forma pode encabeçar este tipo de interrogações.

Um outro contexto original em que o *porquê* pode aparecer é o que nos oferece a frase:

- (19) Não se preocuparam em saber como e *por que* as línguas evoluem.

(19) a. Não se preocuparam em saber como e *porquê* as línguas evoluem.

(19) b. Não se preocuparam em saber como e *porquê* evoluem as línguas.

Verificamos que *por que* comuta facilmente com *porquê* numa frase mais baixa sem prejuízo de agramaticalidade da frase superior.

Observando, agora mais de perto, a subordinada «como e por que as línguas evoluem», logo nos apercebemos que *como* e *por que* não foram gerados na posição em que se encontram nesta forma de superfície. A sua posição original é a da frase: «as línguas evoluem *como* e *porquê*». É de notar também que esta frase está ligada à principal por um nó SN₂; isto é, a frase «como e por que as línguas evoluem» funciona como complemento directo da frase (19).

Concluimos daqui que o *porquê* se pode deslocar na sua forma tónica, dentro do limite de um SN.

A natureza de *porquê* torna-se ainda mais evidente nas frases seguintes:

(20) Estás triste e não sabes *porquê*.

(20) a. Estás triste e não sabes *o porquê*.

(20) b. Estás triste e não sabes. *Porquê?*

(20) c. * Estás triste e não sabes. *O porquê?*

(20) d. * Estás triste e *por que* não sabes?

(20) e. * *Por que* estás triste e não sabes?

(21) ? *Por que* não sabes *o porquê*?

Nas frases (20) e (20) a. *porquê* e *o porquê* funcionam como complemento do verbo *saber*. A interrogativa em SN₂ é feita com *que* ou com *o que*, como é sabido e não com *por que*. Por isso compreende-se a agramaticalidade de

(20) d. e (20) e. Verifica-se que o *porquê* em (20) está impedido de sair do seu lugar. Isto leva-nos a pensar que o *por que* interrogativo não teve origem em SN₂.

Pensamos que em (20) b. *porquê* interroga simultaneamente ambas as frases, o que só acontece nesta posição, como fica provado com as frases (20) d. e (20) e.. Verificamos, além do mais, que ele não aceita ser antecedido de artigo, como se regista na frase (20) c., o que nos leva a pensar que não se trata de um nome.

Observando ainda a frase (21) verificamos que, embora bizarra, esta frase não é propriamente agramatical. Lembrando que a frase (17) d. se tornava agramatical quando o traço (t) deixado pelo morfema interrogativo era preenchido com informação lexical, suspeitamos que não se trata do mesmo fenómeno numa e noutra frases.

Posto isto, surge a hipótese de considerarmos o *porquê* da frase (20) e o *porquê* da frase (20) b. de naturezas diferentes.

VI — O lugar do morfema interrogativo adverbial *porquê* numa árvore

Para deixarmos mais claro o nosso ponto de vista exemplificaremos, com a frase que se segue, o lugar de origem de *porquê* na estrutura profunda da frase, onde ele foi gerado pelas regras de base. Como referimos no ponto IV — B., esse lugar observa-se nas frases interrogativas de tipo eco. Observemo-lo, agora, na frase seguinte:

(22) Tu crês que Pedro acredita que a Paula fez isso
porquê (por que razão)?

(22) a. Por que (Por que razão) crês (tu) que Pedro
acredita que a Paula fez isso *t*?

A frase (22) mostra-nos que o morfema interrogativo não tem, necessariamente, que ter a sua origem na frase

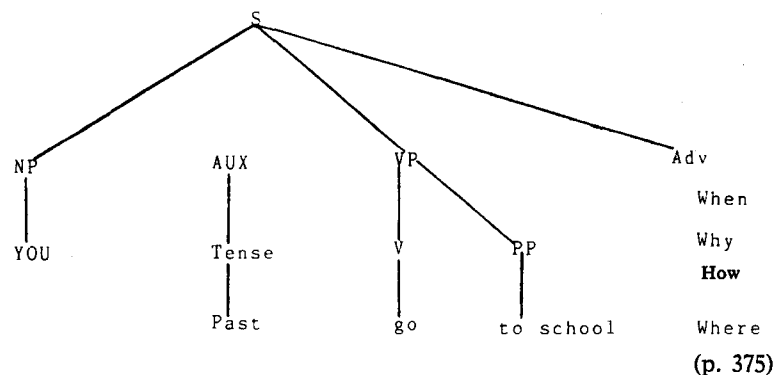
principal. Ele pode originar-se numa frase mais baixa e subir para COMP na frase mais alta.

Depreende-se também do mesmo exemplo que o *porquê* substitui o SPREP «por que razão». É o referido SPREP que se desloca para COMP com a forma *por que*.

Uma outra origem do *porquê* ficou demonstrada com o exemplo da frase (17). O que se observou então foi que o *porquê* «pronominalizava», por assim dizer, a subordinada causal antes de se deslocar. Esta hipótese ficou justificada com a agramaticalidade de (17) d.

Neste caso, o morfema interrogativo *porquê* tem como base uma frase. E, como se trata de uma frase subordinada adverbial, o seu lugar numa árvore deve ser sob o nó F Adv, que, por seu lado, deve estar directamente subordinada a um F para assim fornecer um nó COMP capaz de receber os morfemas interrogativos. Esta nossa suspeita apoia-se em Akmajian (1975), que sobre a estrutura profunda destas formas afirma o seguinte:

«... We can assume that *Where, When, Why, and How* are expansions of the node Adv. (adverb) in sentence final position [...]



e acrescenta o seguinte: «this last class of words [...] would be treated as being parallel to adverbs such as *yesterday, for no reason, by car, and in Cambridge,*

which provide the answers to the question words» (p. 375). Como as categorias adverbiais abrangem *SN*, *SPREP*, e *F.*, pelo menos, qualquer delas poderá estar subordinada ao nó Adv., poderá esvaziar-se de conteúdo lexical e poderá deslocar-se para COMP na forma de advérbio interrogativo. Fica assim esclarecida a natureza e a posição do nó Adv na estrutura profunda da frase.

VII — Breve análise comparativa entre as formas

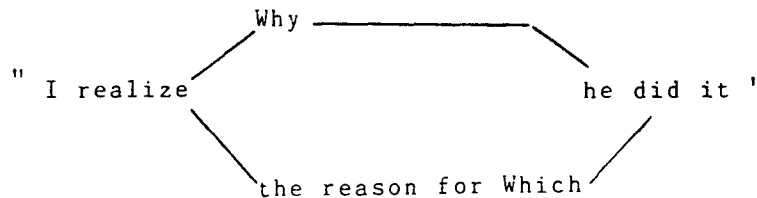
porque, por que e porquê,

e as suas correspondentes na língua inglesa

Uma visão rápida dos correspondentes aos «porques» na língua inglesa dá-nos uma perspectiva mais ampla sobre a natureza intrínseca dos seus correspondentes na língua portuguesa.

Em primeiro lugar, notamos que a conjugação causal portuguesa tem como correspondente na língua inglesa a forma *because* que, ao contrário da portuguesa, não se relaciona minimamente na sua forma com o morfema interrogativo, como acontece no português.

Em segundo lugar, encontramos em inglês a forma «why» correspondendo a *por que* e *porquê* e a expressão «the reason for which» (a razão pela qual) que alterna, em determinados contextos com «why», como sugere o exemplo que Quirk *et alii* (1972: 272):



Logo, «why» equivale a «the reason for which» tal como em português *por que* equivale a «por que razão», como observaram Sá Nogueira (1974) e Mateus *et alii* (1983).

Também como na língua portuguesa, «the reason» pode ser omitida quando seguida de «why» mas não quando seguida de «for which»:

(23) «that is the reason why he spoke

(23) a. that is the reason for which he spoke

(23) b. that is why he spoke», Quirk e Greenbaum (1973: 863)

Estas frases corresponderiam, aproximadamente, às seguintes frases no português.

(24) Eis a razão *por que* ele falou.

(24) a. Eis a razão *pela qual* ele falou.

(24) b. Eis *por que* ele falou.

mas nas frases:

(25) Não sei a razão *por que* estás triste.

(25) a. Não sei *por que* razão estás triste.

(25) b. Não sei *por que* estás triste.

a correspondência em inglês não se dá com a mesma facilidade das frases anteriores.

(26) I don't know *the reason why* you are sad.

(26) a. * I don't know *why the reason* you are sad.

(26) b. I don't know *why* you are sad.

A observação destes dados mostra claramente que o «why» é um relativo tal como o *que* do *por que* português. A diferença consiste em que, enquanto que na língua portuguesa é, aparentemente, indiferente colocar a palavra *razão* antes ou depois de *por que*, em inglês a ordem destas palavras é imutável. Mas o facto de o português oferecer esta liberdade de escolha, nenhum outro elemento nos

indica que o *por que*, que se escreve em separado quando a palavra *razão* se lhe segue, deva ou possa ser escrita numa só palavra quando a palavra *razão* o antecede.

A mutabilidade de *for what* e a impossibilidade dessa mesma divisão em português na construção das interrogativas é outro argumento em favor do *por que* desarticulado.

Em inglês é normal encontrarem-se interrogativas do género:

(27) «What did you do that for?»

que equivale a

(27) a. «Why did you do that?»

mas que nunca poderá apresentar a forma:

(27) b. «* For What did you do that?», como nos asseveram Quirk e Greenbaum (1973: 198).

O morfema interrogativo — *what for* — decompõe-se em duas partes, uma das quais — *what* —, equivalente ao *quê* português, desloca-se para princípio de F, enquanto que a preposição — *for* —, correspondente à portuguesa *por*, preserva o seu lugar de origem.

Em português, como vimos anteriormente, a frase interrogativa desloca-se por completo para princípio de F sem deixar qualquer resíduo lexical no seu lugar de origem.

Por exemplo a frase:

(28) Fizeste isso *por quê*?

poderia também apresentar-se com a forma:

(28) a. *Por que* fizeste isso (t)?

mas não com a forma:

(28) b. * *Que* fizeste isso *por* (t)?

Depois da análise destes dados, somos levados a supor que em português a não separação dos componentes do morfema interrogativo inspire a sua escrita numa só palavra. Mas o facto de ele se poder desarticular na língua inglesa é mais uma prova para pensarmos que eles sejam separados também na língua portuguesa.

Uma última observação indica que tanto o nosso *por que* como o *por quê* têm em inglês um correspondente único — *why* — o que comprova a identidade de ambas as formas.

VIII — Conclusões

Partindo do princípio de que os dados aqui expostos se podem generalizar, e não dispondo, neste momento, de elementos que contrariem esta análise, defendemos a existência, em forma subjacente, de um *porque* causal que se distingue da locução *por que*, formada pela preposição *por* e pelo pronome relativo *que*, que, por seu lado, e embora seja da mesma natureza morfológica que o seu homófono interrogativo, se distingue deste pela sua origem na estrutura profunda da frase.

Após o confronto destes morfemas com os seus congéneres na língua inglesa e dado que, nas frases subordinadas, a alternância *por que/porque* pode alterar o sentido da frase e/ou mesmo torná-la agramatical, somos levados a pensar que a forma *por que* precede a forma *porque* na sua aceitabilidade.

Estudámos ainda a relação existente entre *por que* e *porquê* interrogativos e verificámos existir uma correspondência directa entre ambos. Em contrapartida, constatámos o facto de o *porquê* ter um comportamento gramatical diferente, sempre que lhe sejam atribuídas as funções SN₂ na frase.

Bibliografia

- Akmajian, A. e F.W. Heny (1975), *An Introduction to the Principles of Transformation Syntax*. Cambridge, Mass: The Mit Press.
- Alii, S. (1971), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Livraria Académica.
- Bergström, M. e N. Reis (1981), *Prontuário Ortográfico e Guia da Língua Portuguesa*. Lisboa, Editorial Notícia, 13.ª ed.
- Brito, A.M. e G. Matos (1973), «Introdução ao estudo das interrogativas em Português». *BF*, XXIII, pp. 191-252.
- Casteleiro, J. (1977), «Sintaxe e semântica das construções enfáticas com 'é que'», *BF*, XXV, pp. 97-166.
- Casteleiro, J. (1982), «Análise gramatical dos advérbios da frase», *Biblos*, Vol. LVIII, Universidade de Coimbra.
- Chomsky, N. (1977), «On Wh-Movement» in Culicover, Wasow e Akmajian, eds. *Formal Syntax*. N.Y., Academic Press, Inc.
- Cunha, C. e L. Cintra (1984), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa, 2.ª ed.
- Estrela, E. (1984), *Dúvidas do Falar Português*. Lisboa, Editorial Notícia, 2.ª ed.
- Figueiredo, C. (1900), *Lições Práticas de Língua Portuguesa*, Vol. I e III. Lisboa, Livraria Ferreira-Editora.
- Figueiredo, J. e A.G. Ferreira (1975), *Compêndio de Gramática Portuguesa*. Porto, Porto Editora.
- Goldberg, J. (1985), «A nonsolution for a problem of PP extraction». *Linguistic Inquiry*, Vol. 16, n. 3, 1985, pp. 478-481.
- Jackendoff, R. (1977), *\bar{X} Syntax: A Study of Phrase Structure*. Mass, the MIT Press.

SOBRE A NATUREZA DE «PORQUE, «POR QUE» E «PORQUÊ»

- Larson, R. (1985), «Bare NP-Adverbs», *Linguistic Inquiry*, V. 16, n. 4, pp. 595-621.
- Macambira, J. (1978), *A Estrutura Morfo-Sintáctica do Português: Aplicação do Estruturalismo Linguístico*. São Paulo, Pioneira, 3.ª ed.
- Mateus, M. et alii (1983), *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Livraria Almedina.
- Nique, C. (1978), *Grammaire Générative; Hypothèses et Argumentations*. Paris, Librairie Armand Edin.
- Nogueira, R. (1974), *Dicionário de Erros e Problemas de Linguagem*. Livraria Clássica Editora, 2.ª ed.
- Pilar, C. e M.A. Luzs (1971), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Edições 70, Coleção Lexis.
- Portugal, J. (1913), *Curso Prático de Português*. Lisboa, Editores J. Rodrigues & C.ª, 4.ª ed.
- Quirk, R. et alii (1972), *A Grammar of Contemporary English*. London, Longman Group Limited.
- Quirk, R. e S. Greenbaum (1973), *A University Grammar of English*. London, Longman Group Limited.
- Sequeira, F. (1976), *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. Lisboa, Livraria Popular, 2.ª ed.